

A informação como arma: convergências da Teoria do Agendamento e da Guerra Híbrida¹

Vinícios Martins do VALE²
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

O artigo tem como objetivo identificar enunciados da Teoria do Agendamento que encontram ressonância na aplicação de táticas comunicacionais em um contexto de Guerra Híbrida. Será realizada uma revisão na literatura de ambos os conceitos, Teoria do Agendamento e Guerra Híbrida, visando encontrar convergências e aplicabilidade entre eles. O panorama da Teoria do Agendamento será delineado, primordialmente, com base nas obras de Walter Lippmann, Bernard Cohen, Maxwell McCombs e Donald Shaw, enquanto aspectos teóricos da Guerra Híbrida serão explorados nas obras de Richard Szafranski, Qiao Liang e Wang Xiangsui, Frank Hoffman e Andrew Korybko. Com base nos aspectos teóricos levantados, será analisado o caso de agendamento dos meios de comunicação ocidentais em relação à Guerra do Iêmen, conforme evidências apontadas por matérias de um veículo estatal russo, RT, e pesquisas acadêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: teoria do agendamento; guerra híbrida; guerra do Iêmen.

1 INTRODUÇÃO

A informação e a comunicação sempre foram temas de interesse para o pensamento militar. Tzu (2000), teórico militar chinês ancestral, explorava em sua obra a necessidade de um competente líder militar obter o máximo de informações possível sobre suas forças e de seus oponentes, e também o impacto que notícias manipuladas, transmitidas aos oficiais do governo e à população dos oponentes, poderiam ter no desenrolar de conflitos militares. Para ele, “toda estratégia de guerra é baseada na dissimulação” (Tzu, 2000, p. 3, tradução nossa).

Mattos (2005), analisando a relação entre meios de comunicação e conflitos militares, atesta que durante a Guerra da Crimeia, ocorrida em 1853, inaugurou-se a profissão de correspondente de guerra, profissional que realiza a cobertura jornalística dos conflitos armados. A partir de então, segundo sua obra, em todas as guerras os

1 Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Teorias da Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 5 a 8 de setembro de 2023.

2 Mestrando do Curso de Ciências da Comunicação da FIC-UFG, email: vinicios@discente.ufg.br.

meios de comunicação de massa passaram a ser objeto de máxima atenção dos líderes militares. Durante conflitos marcantes do século XX, desde as duas grandes guerras mundiais, passando pela Guerra do Vietnã e pelas duas Guerras do Golfo, além da maior campanha militar no início do século XXI, a Guerra ao Terror, os militares procuraram censurar e ocultar notícias desfavoráveis a seus interesses e, por outro lado, promover aquelas que auxiliariam no alcance de seus objetivos, fossem elas baseadas em fatos realmente ocorridos ou não.

Com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), intensificou-se a pesquisa e o interesse militar na área da comunicação. Szafranski (1997) e Liang e Xiangsui (1999), no final do século XX, já alertavam para a crescente importância do controle da informação e da comunicação nos conflitos a partir de então. No raiar do século XXI, Hoffman (2007) delineou os contornos de um novo conceito que surgia na doutrina militar dos Estados Unidos da América (EUA), a denominada Guerra Híbrida. O controle e emprego da informação e da comunicação encontram proeminência entre as capacidades a serem empregadas nesse novo modo de guerra. Após sua popularização, o conceito dominou grande parte das pesquisas nos meios militares ocidentais, particularmente após 2014, ano em que a Federação Russa anexou a península da Crimeia utilizando táticas que, segundo analistas militares ocidentais, estariam inseridas no escopo da Guerra Híbrida. Gerasimov (2014), oficial das Forças Armadas russas, discorreu em um famoso artigo sobre a necessidade de uma nova abordagem para entender e travar os conflitos nos tempos atuais, ressaltando o papel da informação e da comunicação nela. As táticas empregadas pela Federação Russa para alcançar a anexação da Crimeia são creditadas às suas reflexões e diretrizes (DERLETH, 2021).

Korybko (2016), além de avançar na pesquisa teórica dentro do conceito de Guerra Híbrida, analisou evidências de sua aplicação no contexto mundial, levantando suas supostas influências no desenrolar das denominadas Revoluções Coloridas e na Primavera Árabe, série de movimentos contestatórios ocorridos em países que integraram a extinta União Soviética e países do norte da África e Oriente Médio.

Em um contexto de Guerra Híbrida, considera-se que as fronteiras entre a paz e a guerra não mais existem, ou são difíceis de enxergar (HOFFMAN, 2007). Assim, os meios de comunicação de massa tornam-se instrumentos da guerra informacional, a qual ocorre independente da existência de conflitos armados. A Teoria do Agendamento,

analisada sob a ótica do conceito de Guerra Híbrida, torna-se um importante instrumento teórico para a análise e o emprego da capacidade desses meios. McCombs e Shaw (1972), ao analisarem a capacidade da imprensa em determinar os assuntos que serão inseridos na agenda pública, evidenciaram como veículos de comunicação de massa podem ser empregados de acordo com objetivos militares. O famoso estudo empírico realizado em Chapell Hill, apesar de analisar aspectos do agendamento em uma campanha política, trouxe conhecimentos que logo extrapolaram a esfera política e encontraram aplicação nas diversas esferas da agenda pública, inclusive em temas militares, como demonstram Elayah e Schulpenn (2017).

Apesar dos estudos sobre a Teoria do Agendamento terem início na década de 70 do século passado, seus desenvolvimentos teóricos ainda são influentes em estudos na área da Ciência da Comunicação nos dias atuais, conforme atestam entrevistas e artigos recentes de McCombs (2008, 2020), um de seus principais formuladores. A concepção de agendamento intermediático e agendamento de segundo e terceiro nível são alguns desses desenvolvimentos surgidos em pesquisas recentes, exemplos da contínua atualização e desenvolvimento da teoria.

2 TEORIA DO AGENDAMENTO: A BUSCA PELA ATENÇÃO

No início do século XX, pesquisadores dos meios de comunicação de massa procuravam encontrar as relações entre as mensagens difundidas pelos meios existentes e o comportamento da opinião pública. Segundo McCombs (2008), uma hipótese presente em uma dessas pesquisas, a obra *Opinião Pública*, de Walter Lippmann (1998), foi fundamental para a Teoria do Agendamento. A tese central do livro de Lippmann, segundo McCombs, seria a de que “a mídia é a ponte até nossas mentes em termos de informação” (MCCOMBS, 2008, p. 205). Além de Lippmann, outro pesquisador que serviu de base para a teoria foi Bernard Cohen. É de Cohen (1963) a máxima que define um aspecto central da teoria do agendamento, preconizando que os veículos noticiosos “podem não ser bem-sucedidos em dizer às pessoas como pensar, mas são surpreendentemente bem-sucedidos em dizer às audiências sobre o que pensar” (COHEN, 1965, p.13 apud MCCOMBS e SHAW, 1972, p. 177, tradução nossa). Assim, Lippmann percebeu a capacidade da mídia em influenciar a opinião pública, enquanto Cohen verificou que essa influência não era diretamente observável em

relação à maneira como os usuários dos meios de comunicação pensavam, mas sim sobre os temas que lhes despertavam atenção.

Com base nesses pressupostos teóricos, McCombs e Shaw decidiram realizar em 1968 o famoso estudo empírico de Chapell Hill, EUA. Após monitorarem e compilarem os principais tópicos debatidos nos meios de comunicação da pequena comunidade no período de uma campanha política, cruzaram os dados desse levantamento com tópicos de interesse da agenda pública levantados por meio de entrevistas com eleitores da localidade. Com base nas correlações entre os dados levantados, os pesquisadores chegaram à conclusão de que “os eleitores tendem a compartilhar a definição observada na mídia do que é importante, sugerindo assim uma intensa função de definição de agenda por parte da mídia de massa” (MCCOMBS e SHAW, 1972, p. 184, tradução nossa).

Segundo McCombs (2008), em entrevista concedida a acadêmicos brasileiros, pesquisas posteriores detalharam e expandiram a Teoria do Agendamento. Estudos realizados em Taiwan, Japão e diversos países do Leste Asiático, todas elas culturas consideravelmente distintas da ocidental, chegaram aos mesmos resultados em relação ao efeito de agendamento da mídia. Essa semelhança de efeitos em culturas tão díspares encontraria explicação com base em um princípio psicológico humano, denominado Necessidade de Orientação. Esse princípio “possui dois componentes: o primeiro é a relevância e o segundo a certeza” (MCCOMBS, 2008, p. 207). De acordo com a dosagem desses dois componentes em cada indivíduo, seria possível determinar nele a intensidade do efeito de agendamento.

Além do primeiro nível de agendamento, onde “o que parece realmente importante é se o tópico é mencionado ou não” (MCCOMBS, 2008, p. 209), o pesquisador aborda, durante a entrevista, o desenvolvimento de estudos sobre um segundo nível de agendamento, onde os meios de comunicação transmitiriam os atributos dos objetos alvos de atenção da agenda midiática para a agenda pública. Essa agenda de atribuição estaria relacionada com o conceito de enquadramento (*framing*), área de estudos derivada da Teoria do Agendamento.

Outro conceito fundamental destacado por McCombs (2008) durante a entrevista é o de Agendamento Intermidiático. Os veículos jornalísticos em geral alimentam-se de matérias e ajustam suas agendas baseados nos materiais fornecidos por grandes agências de notícias e jornais de grande prestígio, os chamados *prestige papers*. Como exemplos

de grandes agências de notícias e veículos jornalísticos que possuem capacidade de agendamento sobre os de menor porte, McCombs utiliza a agência de notícias norte-americana *Associated Press* (AP), uma das três maiores agências de notícias do mundo (COSTA, 2018), e o jornal *The New York Times*, utilizado como referência de agenda por parte da AP para seus veículos associados. Para o pesquisador, no Agendamento Intermidiático, onde veículos influenciam outros veículos, ocorre “o mesmo tipo de influência que ocorre entre a mídia e o público” (MCCOMBS, 2008, p. 211).

Desvelando um panorama das pesquisas em comunicação realizadas na atualidade, inseridas no arcabouço teórico da Teoria do Agendamento, McCombs (2020) discorre em um artigo sobre a pertinência da Teoria mesmo após o advento da internet e das mídias sociais. Além do primeiro e segundo níveis de agendamento, discutidos nos parágrafos anteriores, McCombs expõe alguns estudos atuais que trabalham um terceiro nível de agendamento, o Agendamento em Rede, nos quais seriam analisadas as influências recíprocas entre agendas de grupos distintos e suas ligações e centralidades. No artigo o pesquisador faz um apanhado dos antigos e dos novos conceitos trabalhados na teoria, atestando que

“os conceitos básicos da Teoria do Agendamento são o Agendamento do Objeto, o Agendamento do Atributo, o Agendamento em Rede, o Agendamento Intermidiático, os Argumentos Convincentes e a Necessidade de Orientação” (MCCOMBS, 2020, p. 14, tradução nossa).

Um ponto de destaque no artigo é a exposição do princípio básico da teoria do agendamento, atestando o autor que “central para todos os três níveis de agendamento é a ideia teórica central de definição de agenda, a transferência de relevância de uma agenda para outra” (MCCOMBS, 2020, p. 13, tradução nossa).

3 GUERRA HÍBRIDA E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação ocupam lugar de proeminência entre os diversos instrumentos referenciados nos estudos sobre Guerra Híbrida.

Explorando em detalhes como a informação afeta o cérebro e como ela se tornaria o aspecto central das guerras no futuro, Szafranski (1997) advoga por seu uso como meio para diminuir os custos dos conflitos, os quais aumentariam demasiadamente com a evolução da tecnologia militar. Outra vantagem seria a

possibilidade de implementar mudanças de longo prazo na cultura do oponente, o que não seria possível contando somente com a ocupação de território por contingentes militares. Ele denomina essa nova doutrina militar como Guerra Neocortical. Não por acaso, o subtítulo de seu artigo faz alusão a uma famosa passagem na obra de Sun Tzu, “lutar e conquistar não é o auge da habilidade na guerra; o auge da habilidade é vencer o oponente sem lutar” (TZU, 2000, p.8, tradução nossa).

Ao procurar seduzir as mentes dos adversários para não lutar, devemos entender sua cultura, visão de mundo, seus sistemas representacionais, seus valores e costumes que comunicam intenção. Devemos entender a linguagem verbal e não verbal do adversário (SZAFRANSKI, 1997, p 405, tradução nossa).

O autor discorre ainda sobre a importância concedida à moral e à vontade do inimigo por diversos teóricos militares de todos os tempos, propondo que a Guerra Neocortical “usa a linguagem, imagens e informação para assaltar a mente, ferir a moral e mudar a vontade do oponente” (SZAFRANSKI, 1997, p. 408, tradução nossa). Analisando maneiras de concretizar suas proposições teóricas, o autor advoga pela “aquisição do mais robusto e mais amplo dispositivo de coleta de dados de inteligência e de disseminação de informações no mundo” (SZAFRANSKI, 1997, p. 411, tradução nossa). Apesar de não estar explícito em sua obra, fica nítido que os meios de comunicação são uma peça central em sua proposta de disseminação de informações.

Analisando os impactos da Primeira Guerra do Golfo, ocorrida em 1991, na doutrina militar, Liang e Xiangsui (1999) observaram a importância da mídia no esforço de guerra da coalização liderada pelos EUA contra o Iraque e anteviram sua capacidade de influir no balanço de forças em um conflito militar moderno. Os princípios da Teoria do Agendamento são facilmente identificáveis nas análises dos autores, tal quando alegam que “a poderosa mídia ocidental privou politicamente o Iraque de seu direito de falar, de se defender e até mesmo de seu direito de simpatia e apoio” (LIANG e XIANGSUI, 1999, p. 76, tradução nossa). Outro ponto levantado pelos autores é a maior credibilidade transmitida pela imprensa quando comparada à propaganda de guerra.

Ao contrário da propaganda no campo de batalha, que tem um tom excessivamente subjetivo e é facilmente rejeitada por um oponente ou

indivíduos neutros, a imprensa tem um impacto subliminar porque suas matérias são habilmente camufladas como objetivas (LIANG e XIANGSUI, 1999, p. 76, tradução nossa).

Entre os diversos prognósticos sobre o uso militar dos meios de comunicação de massa em sua obra, os autores atestam que, a partir do conflito analisado, “não será mais possível contar apenas com a força militar sem o envolvimento da mídia para alcançar a vitória em uma guerra” (LIANG e XIANGSUI, 1999, p. 77, tradução nossa).

Ao pesquisar sobre estratégias de combate não convencionais empregadas pelo Hezbollah em seu conflito contra Israel no ano de 2006, Hoffman (2007) popularizou o termo Guerra Híbrida nos meios militares ocidentais. Em sua análise, o desenvolvimento e a expansão das TIC tornaram-nas uma capacidade imprescindível nos conflitos modernos. Em um nítido descontentamento com a perda de poder de agendamento dos meios de comunicação ocidentais, ele alega que “agora há uma infinidade de veículos de mídia no Oriente Médio e um número exponencialmente crescente de *sites* e *blogs* promovendo uma visão radical” (HOFFMAN, 2007, p. 52, tradução nossa). O autor ainda faz apelos para que a capacidade das comunicações dos EUA sejam incrementadas, certamente vislumbrando aumento na sua capacidade de agendamento.

Devemos finalmente aprender a manobrar na dimensão virtual para alcançar uma vantagem posicional na mente coletiva da população. Devemos ser tão eficazes e precisos com nossas munições mentais como somos com artilharia e apoio aéreo próximo (HOFFMAN, 2007, p. 53, tradução nossa).

Korybko (2018), por sua vez, demonstra em sua obra como os EUA e algumas potências aliadas utilizaram estratégias de Guerra Híbrida para desestabilizar diversos países na Primavera Árabe e nas denominadas Revoluções Coloridas, com especial atenção para a derrubada do governo ucraniano em 2014. As novas mídias sociais tiveram papel crucial nesses movimentos, mas, mesmo que diminuído, o poder de agendamento dos veículos de mídia tradicionais ainda é considerado primordial em sua obra. Alega ele que “a mídia internacional pode trazer desconforto e hesitação ao governo que defense-se de uma tentativa de revolução colorida, mas não é fator decisivo em sua derrubada” (KORYBKO, 2018, p. 21).

Nessa mesma obra, o autor pontua em uma passagem específica para o poder de contra agendamento das redes sociais em relação à mídia tradicional, conforme teorizado por Barreta e Cervi (2012).

As novas mídias podem até pressionar a mídia tradicional para cobrir os movimentos, especialmente se a mídia tradicional estiver relutante em fazê-lo por razões políticas. Pode ocorrer que se desenvolva uma cisão entre as novas e as mídias tradicionais, com as novas mídias posicionando-se ao lado do movimento e mídias tradicionais ao lado das instituições estabelecidas (KORYBKO, 2018, p. 85).

Conforme aqui visto, no desenvolvimento da teoria de Guerra Híbrida, diversos autores pontuam sobre a importância dos meios de comunicação em um contexto de conflito militar contemporâneo. A Teoria do Agendamento, em particular, aponta para uma capacidade desses meios de especial interesse para a doutrina militar, tal qual pode ser observado no conflito do Iêmen.

4 CONFLITO NO IÊMEN: CAPACIDADE DE AGENDAMENTO EM AÇÃO

Pesquisas acadêmicas e matérias jornalísticas demonstram como a Teoria do Agendamento serve como referência para analisar a cobertura de conflitos militares por parte de meios de comunicação de massa, levantando hipóteses de utilização do agendamento como capacidade empregada para alcançar objetivos militares.

O veículo jornalístico de propriedade do estado russo, RT, rotineiramente expõe supostas práticas de agendamento empregadas pelos meios de comunicação ocidentais. Um dos temas selecionados para expôr essas supostas práticas é a Guerra do Iêmen (PEOPLE, 2022; PREMIER, 2022; RYAN, 2018; SAUDIS, 2018; SHOCKING, 2018; WEST, 2022; WHO, 2022; YEMEN'S, 2018).

Tendo iniciado no contexto da Primavera Árabe, em 2011, o conflito perdura até os dias atuais, sendo que uma coalizão liderada pela Arábia Saudita, apoiada logisticamente por EUA, França, Inglaterra e outras potências ocidentais, interveio militarmente no país a partir de 2015, executando principalmente bombardeios aéreos contra instalações do governo revolucionário que dominou grandes partes do território iemenita.

Alguns meses após o início da intervenção dessa coalizão, o veículo RT publicou matéria em que acusava diretamente grandes veículos de mídia ocidental, tais como CNN, BBC e France 24, de ocultarem o tema da agenda pública em benefício de seus governos, já que os bombardeios causariam devastadores impactos humanitários (CUNNINGHAM, 2015).

Além de alguns relatos breves e vagos de uma crise humanitária generalizada, houve um muro de silêncio sobre como a coalizão liderada pela Arábia Saudita, apoiada pelo Ocidente, está pulverizando civis iemenitas e criando a crise. Isso sugere um blecaute deliberado da mídia ocidental (CUNNINGHAM, 2015, p. 2, tradução nossa).

A matéria contrasta ainda a suposta excessiva cobertura sobre a Guerra da Síria, tema de interesse para as potências ocidentais que buscariam a queda do atual governo sírio, com a ínfima cobertura da Guerra do Iêmen, trazendo para a discussão midiática um caso empírico de possível agendamento de primeiro nível.

A mídia ocidental, é claro, deu cobertura abundante da guerra na Síria, com falsas narrativas sobre “rebeldes moderados” lutando contra um “regime despótico”. A Síria é coberta porque Washington, Londres e Paris querem implementar mudanças de regime lá por razões estratégicas para minar os aliados de Assad, Rússia e Irã, considerando que no Iêmen a “reinstalação do regime” de uma camarilha exilada corrupta não tem exatamente o mesmo apelo. Portanto, a mídia ocidental simplesmente ignora o Iêmen (CUNNINGHAM, 2015, p. 2, tradução nossa).

Após o início da Guerra da Ucrânia, em fevereiro de 2022, o veículo RT novamente acusou a mídia ocidental de agendamento em prol de seus interesses, porém comparando agora as coberturas da Guerra do Iêmen e da Guerra da Ucrânia (BRIDGE, 2022).

As reações ao conflito da Ucrânia tem demonstrado o poder concentrado da mídia e do governo dos EUA para canalizar a autopercepção da virtuosidade de todo o mundo ocidental praticamente à vontade [...] com a mesma facilidade que armaram uma campanha virtuosa em nome de outras guerras, como no Iêmen, por exemplo, que está sob cerco implacável há sete anos pela Arábia Saudita, com a ajuda dos suspeitos (ocidentais) de sempre (BRIDGE, 2022, p. 3, tradução nossa).

Apesar dos ataques da mídia estatal russa contra a mídia ocidental certamente advirem de interesses estratégicos de seu governo, em uma clara disputa pela capacidade de agendar seus respectivos temas de interesse na agenda pública internacional, pesquisas acadêmicas encontraram evidências que fortalecem esse discurso, até mesmo em universidades ocidentais.

Elayah e Schulpen (2017) expõem em um artigo dados levantados por meio de uma análise de cobertura realizada em veículos da mídia ocidental tratando sobre a Guerra do Iêmen. Apesar dos diversos alertas emanados pela Organização das Nações Unidas (ONU) e pela Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre a catástrofe humanitária em curso, “o mundo ignorou o conflito, com poucas menções sobre suas consequências devastadoras na maioria das mídias” (ELAYAH e SCHULPEN, 2017, p. 3, tradução nossa). Analisando os dados sob o prisma da Teoria do Agendamento, os autores chegam à conclusão de que as organizações midiáticas analisadas utilizam sua capacidade de agendamento para apoiar objetivos estratégicos dos governos de seus países de origem.

Bajs (2019), em sua dissertação de mestrado, faz uma análise comparativa entre as coberturas midiáticas de veículos ocidentais, árabes, iranianos e russos sobre a Guerra da Síria e a Guerra do Iêmen. Utilizando o arcabouço teórico da Teoria do Agendamento, a autora demonstra como o agendamento de cada veículo analisado reflete as diretrizes de política externa de seus respectivos governos. Em um caso específico, a autora aponta para as consequências do agendamento de temas que são contrários aos interesses da política externa governamental, alegando que “pode-se tomar como exemplo a política britânica em relação ao Iêmen, quando o governo Tory experimentou vergonha na mídia ao vender armas em um acordo secreto” (BAJS, 2019, p 36, tradução nossa).

5 CONCLUSÃO

Com base nos aspectos teóricos levantados, foi possível delinear uma resumida gênese da Teoria do Agendamento, na qual foram abordados os pontos fundamentais das pesquisas na área desde seu surgimento, na década de 1960, até os dias atuais. Observando o atual interesse acadêmico pelo tema e as ramificações teóricas surgidas em função de pesquisas contemporâneas, percebe-se a relevância ainda atribuída à Teoria do Agendamento mesmo em um contexto de expansão da internet e do uso das redes sociais.

Para demonstrar o interesse do pensamento militar em relação ao emprego dos meios de comunicação de massa, particularmente sua capacidade de agendamento da agenda pública, recorreu-se ao levantamento de pesquisas produzidas por autores militares e civis que abarcam o conceito de Guerra Híbrida. Pôde-se constatar que,

apesar do interesse da doutrina militar pelas comunicações de massa não ser novidade, a importância deles nos conflitos alcançou um nível inédito, tornando seu controle imprescindível para a obtenção de superioridade em qualquer conflito militar.

Analisando o caso da Guerra do Iêmen, foi possível constatar como a Teoria do Agendamento pode, em um caso concreto, influir no desenrolar de um conflito militar. Sociedades distintas, sob a influência de meios de comunicação de massa diversos, podem ter suas percepções e atitudes em relação a conflitos militares moldadas pelos meios de comunicação de massa em razão de suas capacidades de agendamento da agenda pública, conforme preconizado pela Teoria do Agendamento.

As informações aqui levantadas servem de alerta para a necessidade de uma discussão mais ampla sobre meios de supervisão e regulação dos meios de comunicação, tanto no que se refere ao aspecto de democratização da informação quanto no que tange à soberania nacional. Costa (2018), ao analisar a influência de agências de notícias sobre o webjornalismo brasileiro, demonstrou como agências dos EUA e da Europa ocidental dominam a agenda midiática dos principais meios noticiosos brasileiros, constatando, no *corpus* de matérias utilizado em sua pesquisa, a inexistência de matérias advindas de agências asiáticas, russas ou de países do Oriente Médio. Fazendo coro às conclusões do presente artigo, a autora descreve a constatação do desequilíbrio de fontes para o jornalismo brasileiro como “uma forma de alertar para as influências externas que o jornalismo online brasileiro tem sofrido” (COSTA, 2018, p. 13).

REFERÊNCIAS

BAJS, Vanda. **Comparison of international media coverage of the syrian and yemeni crises and its links to foreign policy making**. 2019. Dissertação (mestrado em estudos europeus e internacionais avançados), Centre International de Formation Européenne/University of Kent, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/attachments/60918372/download_file?st=MTY4ODQxNTc5MSwxNzcuNTEuMTAxLjIwLDEwOTUzNDUzNw%3D%3D&s=profile&ct=MTY4ODQxNjI4OSwxNjg4NDE2Mjk5LDEwOTUzNDUzNw==. Acesso em: 01 de julho de 2023.

BARRETA, L. M.; CERVI, E. U. Contra agendamento: evoluindo na hipótese do agenda-setting. In: XIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 2012, Chapecó-SC. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/r30-1706-1.pdf>. Acesso em: 23 de junho de 2023.

BRIDGE, Robert. America's selective outrage over Ukraine is fashioned by a well-oiled propaganda machine... just ask the people of Yemen. **RT**, Moscow, Rússia, 15 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.rt.com/news/555356-hatred-russia-mcdonalds-us/>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

COHEN, Bernard C. **The press and foreign office**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1965.

COSTA, Siliana Dalla. A presença das agências internacionais hegemônicas no jornalismo online brasileiro. In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2018, Joinville-SC. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2055-1.pdf>. Acesso em: 23 de junho de 2023.

CUNNINGHAM, Finian. Western complicity in Yemen genocide met with media silence. **RT**, Moscow, Rússia, 24 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.rt.com/op-ed/313210-yemen-war-western-media/>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

DERLETH, James. A guerra de nova geração russa: dissuasão e vitória no nível tático. **Military Review**, Fort Leavenworth, EUA, janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/Online%20Exclusives/Derleth-a-guerra-de-nova-geracao-russa-POR-OLE-Jan-2021.pdf>. Acesso em: 20 junho 2023.

ELAYAH, M.; SCHULPEN, L. **Yemen: a forgotten war and an unforgettable country**. Centre for International Development Issues, Nijmegen, 2017. Disponível em: https://www.kpsrl.org/sites/default/files/2018-03/1028_yemen_a_forgotten_war_and_an_unforgettable_country.pdf. Acesso em: 06 jun. 2020.

GERASIMOV, Valery. The value of science is in the foresight: new challenges demand rethinking the forms and methods of carrying out combat operations. **Military Review**, January-February 2016. Disponível em: http://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/English/MilitaryReview_20160228_art008.pdf. Acesso em: 20 junho 2023.

HOFFMAN, F. **Conflict in the 21st century: the rise of hybrid wars**. Arlington: Potomac Institute for Policy Institute, 2007. Disponível em: https://www.potomacinstitute.org/images/stories/publications/potomac_hybridwar_0108.pdf . Acesso em: 20 de junho de 2023 .

KORYBKO, Andrew. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. São Paulo, Brasil: Expressão Popular, 2018. Disponível em: http://resistir.info/livros/guerras_hibridas.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2023.

LIANG, Qiao; XIANGSUI, Wang. **Unrestricted warfare**. Beijing: PLA Literature and Arts Publishing House. fevereiro de 1999. Disponível em: <https://www.c4i.org/unrestricted.pdf> . Acesso em: 20 de junho de 2023.

LIPPMANN, Walter. **Public opinion**. New Brunswick, New Jersey: The Macmillan Company, 1998. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bf/Lippman_Walter_Public_Opinion.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2023.

MATTOS, Sérgio. **Mídia controlada: a história da censura no Brasil e no mundo**. São Paulo: Paulus, 2005.

MCCOMBS, Maxwell. The language of journalism—the language of agenda setting effects. **Mediapolis**, Coimbra, nº 10, p. 11 a 18, 1º semestre de 2020. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/2183-6019_10_1/6514. Acesso em: 20 de junho de 2023.

MCCOMBS, Maxwell. Um Panorama da Teoria do Agendamento, 35 anos depois de sua formulação. Entrevista concedida a Silva Junior et al. **Intercom** - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, vol. 31, nº 2, p. 205-221, julho-dezembro, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/698/69830990011.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2023.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, v. 36, n. 2, p. 176-182, verão de 1972. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5524493/mod_resource/content/2/Aula%209b_McCombs_Shaw_The%20Agenda-Setting%20Function%20of%20Mass%20Media.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2023.

PEOPLE care about Ukrainians because they're white, MSNBC host says. **RT**, Moscow, Rússia, 08 de março de 2022. Disponível em: <https://www.rt.com/news/551508-msnbc-host-blames-ukraine-sympathy-on-race/>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

PREMIER league footballer brands attention on Ukraine 'racist'. **RT**, Moscow, Rússia, 23 de março de 2022. Disponível em: <https://www.rt.com/sport/552576-russia-ukraine-hector-bellerin-israel-palestine/>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

RYAN, Danielle. Media suspiciously quiet on US & UK-backed Saudi atrocities in Yemen. **RT**, Moscow, Rússia, 24 de abril de 2018. Disponível em: <https://www.rt.com/op-ed/424980-yemen-saudi-strike-media/>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

SAUDIS, UAE pressured UN for favorable media coverage in exchange for Yemen aid – report. **RT**, Moscow, Rússia, 31 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.rt.com/news/442738-aid-strings-attached-saudi-uae/>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

SHOCKING video shows terrified Yemeni children dragged from rubble after Saudi-led bombing. **RT**, Moscow, Rússia, 10 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.rt.com/news/426399-yemen-airstrike-sanaa-saudi/>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

SZAFRANSKI, Richard. Neocortical Warfare: the acme of skill? In: ARQUILLA, J; RONDFELDT, D (Eds.). **In athena's camp: preparing for conflict in the information age**. California: Rand Corporation, 1997. Disponível em: <http://www.rand.org/publications/MR/MR880>. Acesso em: 22 de junho de 2023.

TZU, Sun. **The art of war**. Allandale Online Publishing, Leicester, England, 2000.

WHO boss calls out double standards over Ukraine. **RT**, Moscow, Rússia, 14 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.rt.com/news/553847-who-ukraine-tigray-yemen/>. Acesso em: 01 de julho de 2023.

YEMEN'S true death toll has topped 60,000 but media too 'lazy' to update body count. **RT**, Moscow, Rússia, 17 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.rt.com/news/446619-yemen-death-toll-underreported/>. Acesso em: 01 de julho de 2023.